AS NOVAS TECNOLOGIAS E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE

Bruno Pucci – PPGE-UNIMEP (bpucci@unimep.br)
Josianne Francia Cerasoli – IH-UFU (josiannefc@gmail.com)

A temática desta intervenção se apresenta como uma reflexão sobre o trabalho docente no ensino superior na atualidade e integra a pesquisa "Novas tecnologias, teoria crítica e educação escolar" (CNPq, 2006-2009), que visa, sob o referencial da teoria crítica da sociedade, desenvolver estudos sobre a onipresença das novas tecnologias no mundo de hoje, sua articulação com o capitalismo global e a intervenção cada vez mais decisiva nas relações ensino-aprendizagem. No terceiro eixo da referida pesquisa — após as análises de aspetos desumanizantes presentes nas novas tecnologias, gerados em sua constituição e em sua utilização na vida do homem contemporâneo (1º eixo), e após examinar o alcance dos diagnósticos frankfurtianos sobre a técnica e a razão instrumental, feitos por autores da primeira geração frankfurtiana e críticos contemporâneos, para interpretar a ambigüidade das tecnologias digitais e genéticas (2º eixo) — busca-se investigar seus riscos e possibilidades formativas presentes nas relações educacionais no ensino superior. E, nesse 3º eixo, foram estudadas manifestações do impacto das novas tecnologias nas relações acadêmico-administrativas, pontualmente, na UNIMEP — Universidade Metodista de Piracicaba —, e as influências nas maneiras de trabalhar dos docentes. Foram entrevistados oito acadêmicos e a hipótese primeira, que orientou as questões a eles propostas, relaciona-se diretamente ao próprio estatuto das formas tecnológicas contemporâneas: as novas tecnologias estão se transformando progressivamente de meio a um fim em si mesmas e exigem dos indivíduos e da sociedade que se adaptem a elas; e tal adaptação se processa de maneira violenta, gerando conseqüências desumanas para seus usuários. Apresentaremos análises da investigação deste item, nos seguintes aspectos: a utilização cada vez

maior das novas tecnologias no mundo de hoje e influências de seu uso intensivo na maneira de viver, de agir e de pensar dos indivíduos; o aumento do tempo e do ritmo de trabalho nas atividades acadêmicas, dentro e fora da universidade; e as possíveis conseqüências desse estado para o docente universitário.

Antes da análise das questões, gostaríamos de justificar a hipótese de trabalho, ancorada na teoria crítica da sociedade e no diálogo com pensadores contemporâneos. Para Horkheimer e Adorno, no "Dialética do Esclarecimento" (1944/1947), a técnica, desde as origens da ciência moderna, foi desenvolvida como resultado de um saber prático, vinculado ao poder e à dominação: *O saber que é poder não conhece nenhuma barreira (...) está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha (...) A técnica é a essência desse saber (...) o que os homens querem aprender com a natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens* (1986, p.20). A ambivalência não aparece apenas no uso da técnica, que a um só tempo auxilia e controla a ação humana, mas na sua própria constituição e configura-se no interior da ciência moderna.

Theodor W. Adorno, no ensaio "Educação após Auschwitz" (1965) afirma a tese da relação ambígua com a tecnologia no mundo atual em que:

> *a tecnologia ocupa posição-chave, produz pessoas tecnológicas, afinadas com a tecnologia. (...) Por outro lado, a atual atitude para com a tecnologia contém algo de irracional, patológico, exagerado (...) As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem. Os meios – e a tecnologia é a essência dos meios para a auto-preservação da espécie humana – são fetichizados, porque as finalidades – uma existência digna do ser humano – são encobertas e arrancadas do consciente humano* (In Cohn, 1986, p. 41-42).

A ambivalência da técnica figura então como preocupante ambigüidade, na medida em que, nas relações da sociedade com a tecnologia, sua finalidade é deslocada da condição de instrumento facilitador das ações para a própria tecnologia. A relação do homem com a tecnologia torna-se ambígua, obscurecida diante da confusão em relação a suas finalidades. Essa ambigüidade, somada à voracidade das tecnologias que têm alcançado patamares inéditos de desenvolvimento, amplia sua dominação sobre o homem; junto a isso, reforça o risco de uma anuência passiva e irrefletida, sobretudo nas repetidas ações cotidianas, perante as transformações vivenciadas na atualidade.

Adorno e Horkheimer escreveram seus textos sob o impacto das tecnologias mecânicas que propiciaram as experiências mortais de Auschwitz, Hiroshima e Nagasaki. A partir dos anos 1970 o mundo da técnica foi sacudido por intensas ondas transformadoras, envolvendo a tecnologia microeletrônica, que geraram mudanças drásticas em nosso modo de produzir, de trabalhar, de viver, de perceber e de pensar. Seria atual o diagnóstico de Adorno e Horkheimer sobre a razão instrumental, sobre a técnica na era das tecnologias genéticas e digitais? Os estudos de outros pensadores contemporâneos em tempo de capitalismo global, — tais como Bauman (2001, 2007), Haroche (2008), Santos (2003) e Sevcenko (2001) — confirmam na essência o diagnóstico dos frankfurtianos. É verdade que não podemos aplicar mecanicamente suas categorias, dos anos 1940 e 1960, na análise dos impactos das tecnologias na vida dos homens dos anos 2000; contudo, o diagnóstico radical dos frankfurtianos se faz ainda mais preocupante nos dias de hoje com a articulação entre o desenvolvimento tecnocientífico e o capital global. Diante do novo surto de transformações, cuja escala e velocidade são imprevisíveis, torna-se cada vez mais imprescindível analisar os impactos das formas tecnológicas contemporâneas. E, não obstante as novas tecnologias se caracterizarem como ambíguas, suas dimensões sombrias se projetaram tão assustadoramente que seus malefícios parecem prevalecer sobre os benefícios à humanidade. O historiador Sevcenko, ao analisar a passagem

do século XX para o XXI, afirma: *Neste momento tumultuoso, em que a celeridade das mudanças vem sufocando a reflexão e o diálogo, mais que nunca é imperativo investir nas funções judiciosas, corretivas e orientadoras da crítica* (2001, p.19). E a crítica radical se faz hoje presente e oportuna, pois sua intervenção, nessa perspectiva desigual entre os danos e os proveitos das tecnologias, ainda é um ponto de apoio para uma possível emancipação do indivíduo e da sociedade.

Assédio da tecnologia: tomamos tais preocupações e abordagens como referência para analisar especificamente o material reunido nas entrevistas com docentes do ensino superior. Certamente não as entendemos como modelares entre as experiências atuais nas relações ensino-aprendizagem na universidade; tampouco seriam meros exemplos de práticas existentes no ensino superior; são entendidas antes como indícios de mudanças importantes nas condições de trabalho dos docentes em nível superior, ligadas às tecnologias contemporâneas. Dos oito acadêmicos entrevistados, quatro trabalham mais diretamente com as novas tecnologias (nos cursos de Sistemas de Informação, Comunicação e Rádio e TV) e os outros quatro estão vinculados aos cursos de Turismo, Economia, Filosofia e Psicologia. Independentemente da área de atuação, todos responderam as mesmas questões. O primeiro tema comentado pelos professores foi: "Utilização cada vez maior das novas tecnologias no mundo de hoje: pontos positivos e pontos negativos; influências ou não de seu uso intensivo na maneira de viver, de agir e de pensar dos usuários".

As respostas dos docentes sobre esse tema deixam entrever, mesmo que obliquamente, o como os seus usuários são influenciados em seu comportamento e em seus afazeres, mesmo que intelectuais; indicam ainda a ambigüidade da tecnologia e percepção do peso dessa ambigüidade no cotidiano dos entrevistados. Mas não só. O volume e a qualificação dos aspectos negativos sobressaem em relação a seu outro lado. Senão vejamos em síntese as ponderações dos docentes: *as novas tecnologias facilitam a vida das pessoas, o trabalho do dia-a-dia e o acesso mais rápido à informação*; *tornam as pessoas mais rápidas no pensamento e na ação*;

possibilitam o uso da informática para realizar pesquisas, contatar pessoas de vários lugares, países, para comprar produtos sem sair de casa; *fazem mais barata a comunicação via internet, chat, celular*; *possibilitam o uso da internet para a distração, o bate-papo*. Por outro lado, geram uma série de conseqüências nefastas à vida das pessoas, tais como: *elas passam a ser mais bombardeadas por um volume muito grande de informações e, muitas vezes, não estão preparadas para filtrar essa quantidade de informações; além disso, uma parcela da população é alijada do acesso à informação. As pessoas se tornam muito dispersas, talvez por tentarem fazer tudo muito rapidamente*; *querem fazer várias coisas ao mesmo tempo e acabam não se concentrando nem em uma e nem em outra*; *as pessoas são entulhadas de mensagens indesejáveis em seu correio eletrônico, que demandam muito tempo para serem respondidas e/ou deletadas; isso faz com que elas trabalhem mais*. *Se recebem uma mensagem, têm que responder logo; se não cumprem o prazo estão sendo avaliadas*. *As pessoas perdem a vontade de pesquisar em livros, periódicos, por quererem usar simplesmente a internet; mas mesmo nos resumos e sínteses da internet, pega-se tudo em pedacinho, aprende tudo em pedacinho, no geral, sem aprofundar em nada*; *além do tempo que se gasta para separar o que é bobagem do que é coisa aproveitável*.

Apresentam ainda outras conseqüências negativas, não apenas ligadas à esfera individual, mas com evidentes desdobramentos sociais e políticos, como o desemprego — *quando você põe um computador, uma máquina substitui dez empregados; a catraca eletrônica causou o desemprego do cobrador* —, o medo da privatização ou do esvaziamento do espaço público — *temor de que a tecnologia atrapalhe o contato humano, crie o ser humano individualista, vá deixando o espaço público cada vez mais privado* —, o desencontro dos membros da família — *o tempo em que você fica navegando na internet você se priva do convívio familiar*.

As características tanto positivas quanto negativas registradas pelos docentes merecem algumas considerações. Primeiro: de um lado não se pode atribuir apenas às tecnologias em si a responsabilidade integral pelas

conseqüências negativas acima expressas. As tecnologias são meios, foram criadas e são utilizadas pelos homens para atingir determinados objetivos. Porém, são projetadas em contextos sócio-econômico-políticos, a partir de interesses específicos, seguindo metas definidas, e a responsabilidade inclusive sobre seus efeitos indesejáveis deve ser analisada nesse contexto. Não pensamos que se possa atribuir tal responsabilidade exclusivamente a seus criadores, ou aos que bancaram sua criação, comercialização e uso, mas seguramente é fundamental considerarmos os contextos de criação das tecnologias para compreendermos os desdobramentos de sua utilização. De outro lado, com a articulação do desenvolvimento tecnológico ao capitalismo global, as novas tecnologias tomaram forma autônoma e impositiva. Ou você se submete a elas ou você é consumido por elas. Retomo o que afirmou recentemente Laymert Garcia dos Santos: *Considerando a centralidade da tecnociência hoje, não há como trabalhar a sociedade contemporânea se não discutirmos seu papel e o conseqüente impacto das novas tecnologias na sociedade. É preciso colocar a tecnociência no centro e começar a discutir politicamente o que ela faz, o que ela é, o que ela pretende, o que faz conosco e o que nós fazemos com ela.*[1] De um lado, tem razão um dos professores entrevistados quando assim se expõe:

> *A tecnologia é um suporte que não vem de fora da sociedade; ela mesma é gerada como um elemento de sua organização. Não concordo com as críticas de que esse desenvolvimento do industrial ao pós-industrial gera um excesso informacional; mil vezes o excesso informacional do que informação nenhuma, própria da era artesanal. Retomo Benjamin, que diz que na relação entre indivíduo e cultura, em cada mudança de suporte, a cultura ganha, enquanto um todo, mas o indivíduo*

[1] A tecnociência no centro da discussão (embora ela não goste). *Jornal da Unicamp*, edição 240 - de 8 a 23 de dezembro de 2003, p. 6.

> *vai ter que fazer mudança e às vezes ele não consegue acompanhar o desenvolvimento da tecnologia.*

Por outro lado, mesmo tendo consciência de que o processo cultural historicamente se faz de forma tensa e envolve violências e imposições aos indivíduos, e o todo tende a prevalecer, não se pode esquecer que o mecanismo de aceleração, que perpassa as recentes revoluções tecnológicas, está intimamente atrelado aos abrangentes interesses do capitalismo global e carrega em si um insaciável grau de exclusão. Não é novidade a constância do caráter internacionalista do capitalismo, na teoria e na prática, assim como não é seu dinamismo que intensifica amplamente os fluxos, o movimento. Esse apetite global e essa fluidez são postos em curso pelo menos desde a chamada primeira revolução industrial, geradora de inúmeras transformações e incentivadora do expansionismo capitalista; ganham um segundo grande impulso, nas décadas finais do século XIX, com a chamada revolução científico-tecnológica, que instiga mudanças ainda mais complexas e profundas em todos os níveis da experiência humana. A intensificação do caráter global e dinâmico do capitalismo ao longo de seu desenvolvimento não nos permite apreendê-lo como excludente ou internacionalista apenas na contemporaneidade; ao mesmo tempo esse percurso ajuda a compreender os mecanismos de aceleração e o aumento freqüente dos fluxos como inerentes ao próprio capitalismo. Contudo, nos dias de hoje sua singularidade reside nos seus desdobramentos, que foram se tornando progressivamente mais dramáticos.

Segundo: embora um dos entrevistados tenha ressaltado que as conseqüências das novas tecnologias dependem do uso que se faz delas – *as tecnologias podem ser bem empregadas ou não; as que são benéficas, para mim tudo bem. Vai de como você as utiliza; nós ainda não nos robotizamos, está em nossas mãos* –, a maioria dos respondentes deixa transparecer em seus discursos que as tecnologias contêm nelas mesmas sua virulência nefasta e, mesmo quando utilizadas responsavelmente, geram também efeitos negativos. A suposta autonomia no uso das

tecnologias fica comprometida quando a própria tecnologia se configura como um fim em si mesma. A ambigüidade não se manifesta apenas no uso, aparece antes na própria constituição das tecnologias. Além disso, para os frankfurtianos, há uma intencionalidade de precisão e funcionalidade nos aparatos tecnológicos que, mesmo quando utilizados para minorar a dor dos homens, geram frieza, distância e manipulação. *No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu os elementos de reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta* (Horkheimer e Adorno, 1986, p. 48).

Terceiro: analisamos, a seguir, a constatação de um dos entrevistados, professor do curso Sistemas de Informação: *Quanto ao agir, percebe-se que essas pessoas são muito rápidas no pensamento; mas também são muito dispersas, talvez por tentarem fazer tudo muito rapidamente; querem fazer várias coisas ao mesmo tempo e acabam não se concentrando nem em uma e nem em outra*. Thomas Friedman, em artigo ao jornal *O Estado de São Paulo*, observa que a mesma tecnologia que nos une, que faz o distante parecer próximo, também nos divide, pode fazer o que está perto parecer longínquo. Ele apresenta uma situação cotidiana no mínimo intrigante, cercada por tecnologias: um motorista de táxi, orientado por um mapa GPS exposto no painel do carro, não parou de falar, durante uma hora de trajeto, em seu celular sem fio preso à orelha, e se comunicava com o passageiro apenas por meio de olhares e gestos; o passageiro, por sua vez, durante a viagem, trabalhou em seu *laptop* e ouviu o seu *iPod*; só deixaram de fazer uma coisa: conversar um com o outro. Essa patologia da era da internet, afirma Friedman, foi batizada por Linda Stone como "atenção parcial contínua": duas pessoas fazendo seis coisas ao mesmo tempo e dando atenção apenas parcial a cada uma delas. Friedman chega a imaginar uma manchete de jornal dos anos 2000: "Uma mulher dirigindo seu carro enquanto falava ao celular atropelou um homem correndo pela rua enquanto ouvia seu *iPod*. Ver página 6". E chega a uma "saudosista" constatação: "Eu era muito mais dinâmico quando só podia

fazer uma coisa de cada vez. Sei que não estou sozinho"[2]. A rapidez, a atenção desdobrada, os múltiplos afazeres simultâneos, corroboram para a dispersão, a superficialidade. Para Bauman, a cultura contemporânea e sua "síndrome consumista" destronou a duração, promoveu a transitoriedade e colocou o valor do movimento acima do valor da permanência (2007, p.85). Seria possível, nessas condições de transitoriedade e contínua atenção parcial, manter ativo o pensamento? Haroche, interrogando-se sobre o papel decisivo que hoje tem o movimento e a fluidez, aponta as dificuldades do próprio ato de pensar na contínua transição, quando nos faltam momentos de parada, pausa (2008). A concentração, o tempo necessário para maturar as idéias, para expressá-las em forma de texto, parece concorrer frontalmente com o movimento, a fluidez. A atenção, o pensar, o expressar-se residem na duração, são resultados de treinamentos penosos e constantes. No instantâneo, parece tão fácil perder essas virtudes... Aliás, tudo concorre para isso.

Analisaremos agora duas questões que abordam aspectos complementares, relacionados à intensificação do trabalho docente: sobre o tempo e o ritmo de trabalho. Os professores responderam primeiramente ao seguinte: "Você trabalha nos dias de hoje mais tempo do que há cinco anos atrás? Você, com ajuda da internet, trabalha em casa, nos feriados, nos finais de semana?" A segunda complementa a primeira: "O seu ritmo de trabalho é mais ou menos intenso que há cinco anos atrás? Comente a sua resposta ilustrando-a com exemplos."

Todas as respostas apontam um fato que se torna cada vez mais evidente entre os professores do ensino superior: com a intervenção das novas tecnologias, trabalha-se muito mais hoje do que há cinco anos atrás e num ritmo cada vez mais intenso. Um deles retrata assim suas: *Eu faço um esforço grande para, em fins de semana e em fins de expediente, dar conta das correspondências e dos trabalhos solicitados. Fica sempre uma*

---

[2] Cf. FRIEDMAN, T. L. A tecnologia que nos isola. In jornal *O Estado de São Paulo* 12/11/2006, Seção B14 Economia.

auto-cobrança, e, mesmo quando vou fazer meus artesanatos de palha, o trabalho fica rolando em minha cabeça, você está constantemente conectado. Um segundo entende que a internet não é responsável direta pelo acréscimo do tempo de trabalho, mas o favorece: *O tempo de trabalho cresce, porque o volume de trabalho que as pessoas vão acumulando é maior e a internet propicia que elas levem esse trabalho para casa. Você pode estar em qualquer lugar e acessar a internet*. Esse mesmo acadêmico constata a triste situação cotidiana da preocupante extrapolação das fronteiras: o trabalho já não fica mais circunscrito a um local e nem a um tempo específico, demarcável, definido. Os locais de não-trabalho, bem como os tempos de lazer, são submetidos assim também à dominação do trabalho. Diz ele: *Se antigamente existia uma divisão entre casa e ambiente de trabalho, hoje o ambiente de trabalho invadiu todos os lugares. Qualquer lugar é um ambiente em que você pode abrir o* laptop *e trabalhar*. Outro docente reforça esse caráter expansível do trabalho, dilatado no tempo e no espaço: *O trabalho não é de quarenta horas, é extremamente maior, é todo o tempo; você não tem mais aquela separação de local de trabalho, de fim de expediente. Pode ser que ainda haja alguma categoria profissional que consiga fazer isso, talvez aquelas que não tenham tanto contato com as novas tecnologias.* E o tempo livre — que deveria ser reservado para realizar as coisas do espírito: ler concentradamente, tocar um instrumento musical, assistir a um bom filme, cuidar das plantas, bater um papo sem pressa com a pessoa amada — é acorrentado ao seu oposto. No dizer de Adorno, o tempo livre aumentou sobremaneira na contemporaneidade, e poderia aumentar mais; contudo suspeita-se de que ele tenda cada vez mais em direção contrária à de seu próprio conceito (Cf.1995: p. 70-82).

Um dos entrevistados, que lida habitualmente com as novas tecnologias na disciplina e no curso em que atua, se surpreende com o que está acontecendo: *Sim, eu trabalho muito mais do que eu trabalhava antes... A gente pensava que, com a utilização das novas tecnologias, iria se libertar disso e percebe-se que é justamente o contrário. A gente se atarefa mais ainda.* Na verdade ele retoma nessa simples asserção os

sonhos benfazejos dos primeiros filósofos e cientistas da era moderna (Descartes, Bacon, Galilei e outros) que viam na articulação do saber com a técnica a possibilidade da construção de instrumentos/máquinas que pudessem diminuir o trabalho dos homens e de até substituí-los nos trabalhos mais opressivos. Mas Horkheimer e Adorno, no primeiro ensaio do "Dialética do Esclarecimento" já tinham relativizado essa ilusão: *No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal* (1985, p. 19). E o que vemos hoje em dia é justamente a tecnociência – essa articulação solidária entre ciência subvencionada, técnica administrada e lucratividade infinda – especializando-se na criação e aperfeiçoamento de um maquinário microeletrônico sofisticado e envolvente, capaz de assenhorar-se das minúcias das ações, até mesmo no nível do pensamento dos homens.

Um docente que trabalha em cursos presenciais com pastas de disciplinas *on-line* apresenta um exemplo do aumento intensivo do ritmo de trabalho. *Quando o aluno quer conversar com você, o acesso à internet facilita e aumenta o número de contatos. Essa fluidez que se tem na troca de informações faz com que constantemente você seja chamado a solucionar alguma dúvida do aluno, dando-lhe uma resposta em seguida.* Contudo as pastas *on-line,* utilizadas pelos docentes da UNIMEP, com o apoio do Departamento de Tecnologia Informacional, ao fazer chegar até seus alunos textos, exercícios e orientações, colocam o professor o tempo todo em estado de disponibilidade. E estamos falando de um curso em uma universidade particular, onde o número de alunos de uma disciplina pode superar a casa dos quarenta. Em períodos de intensificação das demandas dos estudantes (momentos próximos a avaliações ou de elaboração de monografias de finalização de seu curso) essa disponibilidade pode tomar proporções inacreditáveis!

Um dos entrevistados sublinha o papel do indivíduo nesse processo; para ele, a responsabilidade sobre o aumento do tempo e do ritmo de

trabalho recai sobre o indivíduo. A ânsia por consumir mais estaria no cerne das escolhas do indivíduo e, para esse professor, as decisões são orientadas por valores e prioridades na esfera individual: talvez se ele fosse menos consumista ou menos ambicioso! Diz ele:

> *Podemos trabalhar muito mais ou muito menos com a tecnologia. Sempre existiu hora extra. Você não precisa mais ir até a fábrica para fazer a hora extra. Agora acho que o tempo de trabalho aumentou, porque o consumo aumentou. Agora eu entendo como ganhar tempo, ter um* laptop *ajuda nisso, pode-se trabalhar no aeroporto, no hotel; não se perde tempo. Agora ele tem que saber se controlar para ganhar esse tempo e usá-lo no lazer. O 'cara' tem que ser humano para decidir isso, e não um robô. Os que querem ganhar muito para ter uma vida melhor, então ele escolheu trabalhar muito. A vida é de escolha, eu acredito nisso.*

Embora enfatize o papel central da escolha, essa fala nos deixa interessantes indícios para analisarmos precisamente seu oposto. Em uma sociedade extremamente competitiva, em que as incertezas em relação ao futuro tornam precárias as próprias condições de existência e instigam incessantemente ao "mover-se adiante", modernizar-se; ainda mais, imersa em constante apelo ao consumo e às renovadas necessidades de atualização e "reciclagem" dos conhecimentos e habilidades; em uma sociedade que exalta o papel do indivíduo ao mesmo tempo em que o responsabiliza integralmente pelos seus eventuais fracassos; envolta nessa teia complexa e dinâmica que incentiva e cobra no mesmo ato, a escolha do indivíduo conhece todas os limites. Artifício do próprio capitalismo, aliado às ideologias liberais, a teórica liberdade de escolha é vivenciada, na prática, como uma corrida incessante e sufocante no interior dessa teia. Ao contrário das tecnologias, a escolha está submersa em barreiras. Para Bauman, que nomeia essa sociedade como "líquido-moderna", considerando, sobretudo, a prevalência da fluidez, da liquidez na sociedade contemporânea *as realizações individuais não podem solidificar-se em*

posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades (2007, p.7). Talvez esse acadêmico não esteja consciente, ou ao menos não tenha se expressado na direção de como a cultura tecnocientífica tem se tornado predatória em relação ao indivíduo. Este, o indivíduo *de jure,* uma conquista revolucionária da sociedade burguesa, se comparada com a condição social do servo da terra, medieval, é antes de tudo uma promessa a ser continuamente reivindicada. Na visão de Bauman, o indivíduo *de jure* é aquele que não tem ninguém a quem culpar pela sua própria miséria, que não procura as causas das próprias derrotas senão na própria indolência e preguiça e que não procura outro remédio senão tentar com mais e mais determinação. E que, apesar de e a partir dessas suas prerrogativas, tem que lutar a vida toda para se tornar e se manter um indivíduo *de facto,* ou seja, ganhar controle sobre seu destino e tomar as decisões que em verdade deseja (2001, p. 49). Mas hoje, mais do que antes, o indivíduo contraria seu próprio conceito; o *individuum* apresenta-se como dividido, fragmentado, fragilizado.[3] É verdade que ele ainda pode cobrar pela sua humanidade — *O 'cara' tem que ser humano para decidir isso, e não um robô.* E ser humano significa ter consciência para entender, ser livre para agir e responsável para fazer. Mas cada vez mais ele está sendo invadido em sua privacidade, transformado em um compulsivo consumidor, empurrado pelo ritmo veloz e contínuo das máquinas, ou seja, robotizado. Então, não é ele que escolhe trabalhar mais ou menos. Ele está sendo conduzido a ser o que é, a trabalhar mais, num ritmo cada vez maior. Resistir a isso, sair do percurso, pode significar sua transformação em entulho, em lixo a ser amontoado e jogado fora. E no entanto, ele, para ser *individuum*, numa sociedade que o quer dividido, tem que escolher, tem que resistir, tem que tentar ser mesmo indivíduo. *A vida é de escolha, eu acredito nisso.*

---

[3] Deleuze *apud* Santos, 2003: 151.

Um outro docente diz estar muito contente com o tempo e com o tipo de trabalho que ele faz, pois embora hoje se trabalhe mais, com esses novos instrumentos tecnológicos se pode trabalhar melhor: *Eu entendo que o tempo de trabalho é maior, mas você estabeleceu uma qualidade maior no seu trabalho. O suporte tecnológico te oferece todos os elementos para se fazer um trabalho melhor. Antes eu trabalhava menos até porque os sistemas eram muito lentos.* É esta uma das dimensões das novas tecnologias: propiciar condições, instrumentos, possibilidades de realizar trabalhos qualitativamente superiores, que, mesmo exigindo mais qualificação, empenho e tempo, compensam pela qualidade de seu executor. A possibilidade de se fazer uma reportagem tecnicamente bem feita, por exemplo, está continuamente crescendo com o desenvolvimento das TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação. O notável aperfeiçoamento das tecnologias médicas tem propiciado a seus usuários a realização de intervenções cirúrgicas com extrema precisão e com diminuição significativa de violência ao corpo humano, gerando para todos mais esperança de vida. Na área estética, por exemplo, o diretor de cinema Lars Von Trier, no filme "Dançando no Escuro",[4] utilizando-se das mais modernas tecnologias digitais, nos mostra a tensão da operária Selma que, para resistir à desumanização imposta pelo fordismo no chão da fábrica e afirmar sua humanidade, transforma o ritmo do movimento mecânico, fazendo da repetição dos gestos e dos rumores que oprimem uma diferença liberdadora. Sobre isso comenta Santos: *A chave da conversão encontra-se na possibilidade de mudar de ritmo e de intensidade, de ritmo de produção dos sons, de intensidade de produção de imagens, dentro da mente e fora dela, na tela. E o diretor do filme nos expõe um duplo cinema: o cinema moderno e mecânico que corresponde à alienante vida operária de Selma, e o cinema contemporâneo e eletrônico, que corresponde à sua utopia, à busca de um mundo melhor* (Santos, 2003, p. 181-182). Nesses exemplos

[4] *Dancer in the Dark.* Dinamarca/ Alemanha/ Holanda/ EUA/ Reino Unido/ França/ Suécia/ Finlândia/ Islândia/ Noruega, 2000.

e em uma infinidade de outros, o que se pode divisar é a competência, a persistência dos indivíduos em utilizar-se da tecnologia contra a própria tecnologia, cobrando dela o que ela, em sua articulação espúria com o capital global, está nos tirando: a promessa de desenvolver antes de tudo o ser humano em sua humanidade; a perspectiva de perder tempo na realização de ensaios (os tecnólogos chamam isso de simulação) que favoreçam a sensibilidade e a conscientização. Ou seja, tentar usar a tecnologia a serviço do homem, sob o controle do homem, da vida pública, do social.

Após analisar aspectos positivos e negativos das novas tecnologias (1ª questão) e de tecer considerações a respeito do aumento do tempo e do ritmo de trabalho (2ª e 3ª questão), vamos analisar as conseqüências desse novo estado na vida e na saúde do docente universitário.

Antes, é preciso fazer as seguintes observações: 1. os professores entrevistados trabalham exclusivamente em cursos de graduação e sua responsabilidade primeira é o ensino. Cada um deles atua cerca de vinte horas semanais em atividades de ensino e em uma universidade particular. A pesquisa ocupa lugar secundário na vida profissional desses docentes; alguns orientam projetos de iniciação científica e/ou monografias de final de curso. 2. esses docentes gozam de relativa estabilidade em seu trabalho; segundo os estatutos da universidade, só podem ser demitidos se assim o julgarem necessário os colegiados dos cursos e da faculdade onde lecionam. Não obstante a atual reitoria tentar, por meios ilegais e autoritários, demitir um número significativo de docentes em dezembro de 2006, o sindicato local (ADUNIMEP), com base na organização dos docentes, conseguiu por meios legais barrar toda demissão que contrarie os estatutos. Isso significa que o fantasma da demissão, recorrente para a maioria dos profissionais em tempos de flexibilização e desregulamentação, não se faz tão ameaçador para esses docentes. Mas vamos às suas ponderações.

Um dos docentes observa que, com o desenvolvimento das novas tecnologias e seu uso generalizado no trabalho acadêmico, se sente continuamente cobrado nesse processo de inovação. Diz ele: *com essa*

constante cobrança que a gente tem, com esse ritmo intenso, você acaba tendo que se aparelhar pra dar conta dessas novas necessidades. E exemplifica: *Veja o celular*: *Há tempo atrás, se alguém quisesse me encontrar, ligava em casa ou me procurava pessoalmente. E com a quantidade de coisas que tem lá dentro (agenda, planilha, internet, foto etc.), essa nova necessidade acaba forçando você a se aparelhar e você é cobrado por isso*. Quem é que lhe faz a cobrança? Os alunos, os familiares, a burocracia institucional, a sedução da novidade, o mercado? Uma novidade, que se apresenta como uma conveniência, figura como uma necessidade irresistível, torna-se imperativa pelos próprios artifícios do consumo. O outro tipo de cobrança lhe vem da necessidade (obrigatoriedade?) de uso, a toda hora, do microcomputador: *Há tempos atrás, se eu quisesse usar o computador eu esperava ir até minha casa ou usava na instituição. Hoje, por motivos de cobranças, tenho que andar com o* notebook*, pra responder imediatamente, atender as exigências.* E o docente termina seu arrazoado reiterando a necessidade de adquirir esses novos aparelhos para desempenhar com responsabilidade suas funções: *Essa utilização da tecnologia por parte de todos acaba forçando a gente a se aparelhar pra dar conta dessas cobranças.* O que é ser cobrado? É ter que pagar algo por uma dívida feita. Qual a dívida desse docente? Por que e em que ele está sendo responsabilizado? O que se apresentava inicialmente até como supérfluo na sociedade de consumo acaba, por meio de um assédio sem peias, tornando-se uma exigência moral, e ultrapassa duplamente a necessidade, a um só tempo como luxo e exigência. É o mercado que lhe sorri, zombeteiramente: atualize-se ou dê seu lugar para outro!

Um segundo docente reclama das tensões e das obrigações que o tempo e o ritmo de trabalho intenso lhe impõem: *Esse bombardeio de informações afeta a saúde; com esse bombardeio você entra em estresse. Eu tive que rever o meu ritmo de vida para abrir um espaço onde eu possa ter alguma atividade que me recompense.* Para ele a situação limite exigida pelo trabalho não é um problema pessoal; atinge impiedosamente seus colegas de trabalho: *eu vejo que nossa universidade tem uma corda*

tensionada no último; quando entra todo mundo aqui – das 07h40min até às 12h40min –, isso faz com que as pessoas estejam trabalhando dentro de seus limites; está todo mundo tensionado no máximo. O grau de exigência é muito grande. Os indivíduos sufocados pelo excesso de trabalho se tornam pessoas frágeis e solitárias. Pessoas espoliadas sofrem maiores desgastes e insatisfação, ficam doentes e perdem a motivação, sob o risco de tornarem-se cada vez mais superficiais, dispersas e até incompetentes em suas atividades. Bianchetti, em seu livro "Da chave de fenda ao laptop", ao analisar as mudanças qualitativas nos processos de trabalho mediados pelas tecnologias de base eletrônica e informacional e suas conseqüências para os antigos profissionais, apresenta o testemunho de alguns trabalhadores sobre esse novo paradigma tecnológico.[5] Um deles afirma que os operadores, no período de predomínio da tecnologia analógica, às vezes reclamavam do excesso de trabalho e que, em sua opinião, a situação atual apresenta tal intensificação que pouca relação guarda com a anterior: (...) *a tendência nossa é cada vez mais trabalho. (...) Pô, chega uma hora que você não agüenta. Você realmente estoura, estoura muitas vezes no seu próprio organismo, numa úlcera, gastrite, dor de cabeça, porque tecnicamente você quer arrumar, mas fisicamente você está impossibilitado* (2001, p. 149-150).

Outro problema retratado pelos docentes diz respeito à crise de adaptação, particularmente no caso dos mais velhos, que não conseguem acompanhar o ritmo tecnológico dos mais jovens e se sentem desajustados. Um primeiro julga isso natural: *a sociedade vai evoluindo e a entrada da tecnologia sempre vai causar mudança entre a geração que não teve tanto acesso e a que passa a ter mais acesso, isso é uma decorrência natural do processo.* Outro docente, aquele mesmo que analisa a relação entre cultura e indivíduo, retoma aqui sua afirmativa anterior: *Então a idéia que eu tenho de crise de geração caminha naquela explicação da relação indivíduo-*

[5] Ele analisa a passagem da utilização da tecnologia analógica para a digital na TELESC, empresa de telefonia de Santa Catarina

cultura, (...) para aquele indivíduo que não está se adaptando, que não vai se atualizando e fica nesse lugar de velho (...), ele é que vai estar em crise. (...). Pro velhinho que está se atualizando ele não vai ter crise nenhuma. Um terceiro afirma que *alguns docentes, não habituados com o uso de internet, não conseguem mesmo acompanhar o ritmo de seus alunos, têm dificuldade em aceitar idéias novas trazidas pelos seus alunos.* Essa tensão se agravou a partir do atual determinismo tecnológico; é inerente ao mundo civilizado, mas tem aumentado significativamente devido à distância entre os que têm acesso à informação e os que não o têm. Além de que, no caso dos docentes, com a introdução imperiosa das novas tecnologias e com elas de outros valores e virtudes, as gerações mais velhas têm encontrado muita dificuldade em desenvolver, em termos operativos, seu trabalho acadêmico. E isso acentua ainda mais o desânimo, a depressão, a desmotivação profissional. Nas respostas dos sujeitos desta pesquisa percebe-se uma maior preocupação com a dificuldade de adaptação do que com a falta de autonomia que a crescente tecnologização acarreta. O maior problema não é a dificuldade de acompanhar o avanço tecnológico, mas é o fato de esse avanço destruir valores importantes para essas pessoas que fazem parte das gerações anteriores à era informacional. Além disso, para Bauman, nos fluxos constantes da sociedade contemporânea, *as condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente* (2007, p.7).

Esse quadro, cujos indícios analisamos a partir das falas desses docentes, merece ainda outras considerações, que aqui não realizamos. Mostra ele que a ambigüidade inerente às tecnologias permanece, mas sob novas roupagens; seus efeitos infaustos ganham terreno; ultrapassam limites, na fluidez e velocidade atuais: as tecnologias intensificam o trabalho docente, roubam-lhe horas de lazer e de convívio, geram tensões que afetam-lhe a saúde e não trazem assim tantas satisfações em sua profissão, mesmo se considerarmos a suposta contribuição ao processo educativo. Mais ainda: deixa entrever conseqüências sombrias para a percepção, o pensamento, a criação. Nesse sentido, o testemunho de um

dos docentes, habituado ao uso das tecnologias mais avançadas desde seus quatorze anos, nos leva a pensar. Paradoxalmente impedido de utilizar em suas aulas o *Power Point* devido ao aumento da demanda do uso desse recurso pelos docentes, teve que voltar atrás e novamente valer-se de retro-projetor e *slides*. Sua inquietação final nos coloca novas inquietudes: *E eu não sei... mas eu acho que minhas aulas têm sido mais proveitosas do que antes por conta disso*.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. Trad. Aldo Onesti. In COHN, G. **Theodor W. Adorno***:* Sociologia. São Paulo: Ática, 1986, p.33-45.

_____. Tempo livre. In: **Palavras e Sinais**: modelos críticos. Trad. Maria H. Ruschel. Petrópolis: VOZES, 1995, p. 70-82.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2 ed., 1986.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Trad. Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vida Líquida**. Trad. Carlos A. Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop**. Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis: VOZES/Ed. UFSC/Unitrabalho, 2001.

HAROCHE, C. **L'Avenir du Sensible**. Paris: Puf, 2008.

SANTOS, L. G. dos. **Politizar as Novas Tecnologias** – o impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SEVCENKO, N. **A Corrida para o Século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.